

## Universidade

### ANÁLISE IEE define identidade

Rodolfo Mengel



Orlando  
Lobosco:  
"Análise  
do IEE"

Nos últimos oito anos o IEE teve nas concessionárias de energia elétrica de São Paulo o principal parceiro no desenvolvimento de novas tecnologias. Nesse período foram captados muitos recursos, o que possibilitou um crescimento rápido, mas não tão ordenado, do instituto. A parceria com as empresas é tão saudável que atualmente 50% do orçamento anual do instituto, estimado em cerca de R\$ 10 milhões, é captado por meio de renda industrial. No entanto, com as recentes privatizações no setor energético, as relações começaram a se esfriar, pois as novas empresas estão querendo resolver seus outros problemas internos mais imediatos. A fim de decidir essa questão e definir a vocação principal do instituto, Orlando Sílvio Lobosco, o novo diretor geral da instituição, resolveu ouvir todo o seu pessoal. Nesta entrevista, ele fala dos seus planos para os próximos quatro anos.

**Jornal da USP — Eleito para um mandato de quatro anos, o senhor inicia a gestão no IEE procurando definir a identidade do instituto. Como está se desenvolvendo esse trabalho?**

**Orlando Lobosco** — Nós criamos uma comissão para fazer uma análise completa do IEE. Na verdade, esse levantamento é continuação do nosso plano estratégico traçado em julho de 1996, na cidade de Atibaia, ocasião em que nós reunimos praticamente todos os funcionários do instituto, representantes de clientes, o nosso conselho, pessoas da Universidade; enfim, um grupo amplo de pessoas interessadas em discutir o nosso plano estratégico de 15 anos, até 2010. O fato é que, nos dois anos que se passaram, a implantação desse plano não progrediu na forma que deveria, por falta de um plano tático. Agora, estudamos a viabilidade desse plano estratégico, verificando se ele ainda é atual depois de 24 meses, com o registro de privatizações de empresas de energia elétrica, globalização etc., ou se necessita de reparos. A partir daí, implantar um plano tático, por meio do qual definiremos onde o IEE está hoje, para onde ele deverá ir, pelo menos nesses quatro anos da minha gestão e, principalmente, qual é a rota que seguiremos.

**JU — O IEE possui um vínculo muito forte com as empresas e o senhor antes de se fixar na Universidade esteve muito tempo no setor privado. Nessa análise preliminar, já deu para perceber qual a vocação maior do instituto, ou seja, ensino ou serviço?**

**Orlando Lobosco** — O IEE é uma unidade que não apresenta analogia com nenhuma outra dentro da Universidade, por ser meio acadêmica, meio empresa. Cinquenta por cento do orçamento anual do instituto, estimado em cerca de R\$ 10 milhões, é conseguido externamente. Metade do orçamento que vem de fora é obtido de ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços para indústrias. Somam-se a esses recursos os que vêm das agências de fomento ao ensino e à pesquisa, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a Fapesp, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes, etc.

**JU — Além de reaplicar em pesquisa os recursos da renda industrial, o IEE ainda ajuda a Universidade na sua folha de pagamento? Qual a participação do instituto nessa transferência de recursos?**

**Orlando Lobosco** — Por sermos uma unidade geradora de serviços de 50% do seu orçamento, precisamos ter pessoas a mais do que normalmente teríamos se não houvesse essa atividade. Para manter esse pessoal a mais foi feito um acordo com a Universidade, por meio do qual nós temos uma equipe paga pela própria renda industrial do IEE. Então, nós gastamos hoje cerca de R\$ 1 milhão por ano com essa injeção de recursos que transferimos para a Universidade, para o pagamento desse pessoal excedente. O lado empresarial do IEE se fecha até na questão de ter que gerar recursos, não só para o pagamento de suas despesas, estimadas em R\$ 1 milhão por ano, mas também para a folha de pagamento dos nossos funcionários, que é também da ordem de R\$ 1 milhão por ano.

**JU — O IEE sempre teve um vínculo muito estreito com as concessionárias de energia elétrica. Com as privatizações dessas empresas energéticas, como fica o quadro a partir de agora?**

**Orlando Lobosco** — Nos últimos oito anos, o IEE teve como principais parceiros as concessionárias de energia elétrica de São Paulo no desenvolvimento

tecnológico, de pesquisa aplicada, projetos etc. Eu estimo que tenham entrado no instituto cerca de R\$ 20 milhões ou mais, nesses oito anos, advindos de recursos desse tipo de projeto. Com isso, o instituto cresceu muito. Eu acredito que nesse período ele multiplicou várias vezes a sua área, o número de laboratórios, inclusive os certificados pelo Instituto Nacional de Metrologia, o Inmetro, o seu pessoal, as suas atividades, suas publicações e particularmente a sua renda. Só que esse crescimento foi um tanto desordenado, como qualquer crescimento explosivo. Hoje, precisamos ordenar esse crescimento, redefinindo a identidade do instituto. Evidentemente, a participação das empresas concessionárias de energia foi extremamente importante ao longo de todos esses anos, mas com a privatização as coisas se alteram. É possível que tenhamos no mínimo um hiato, no próximo ano, nessa convivência que tem sido tão proveitosa, em função das privatizações. O que se espera são momentos difíceis para um IEE versão empresa, que vai fazer frente a gastos sem a correspondente contribuição dessas empresas. Isso é o que se imagina, pelo menos nos primeiros meses do próximo ano. É claro que estamos tomando as medidas necessárias para fazer com que o efeito da falta de faturamento seja absorvido dentro da instituição.

**JU — As empresas de energia elétrica privatizadas já oferecem resistência em fazer parceria com o IEE?**

**Orlando Lobosco** — Existe uma certa resistência, pelo menos por enquanto. Isso acontece porque as empresas privatizadas estão preocupadas hoje com os problemas mais imediatos que encontraram. À medida que as empresas como a Eletropaulo, Cesp e CPFL souberam que seriam privatizadas, passaram por um processo de enxugamento, sem previsão de grandes investimentos. Então, as empresas que adquiriram esses controles estão sendo chamadas, agora, a fazer investimentos urgentes, particularmente no setor de distribuição de energia elétrica. Essas novas empresas enfrentam ainda a fiscalização da Agência Nacional de Energia Elétrica, a Aneel, órgão regulador do setor. O governo federal, deixando de ser produtor de energia, passou a ser fiscalizador, exigindo determinados níveis de qualidade nos serviços prestados à população. Um exemplo recente aconteceu com a Light, do Rio de Janeiro, que foi multada por não atender de forma satisfatória os consumidores. Diante desse quadro, é compreensível que as empresas recentemente privatizadas estejam correndo atrás dos problemas mais imediatos. Desenvolvimentos futuros de médio e longo prazos tendem a ser postergados.

**JU — O IEE possui inúmeras seções consideradas como "vacas leiteiras", por gerarem muitos recursos financeiros. Qual a situação dessas seções a partir desse quadro traçado pelo senhor?**

**Orlando Lobosco** — Nós temos realmente várias "vacas leiteiras", tanto em projetos como em laboratórios de ensaios. São seções de ensaios que geram certa lucratividade, pois já se encontram em plena maturidade e devem fornecer subsídios para que seções novas possam surgir. Temos hoje três projetos importantes que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos no IEE. São os projetos de monitoramento de subestações, o de compactações de subestações de distribuição e os projetos do centro de excelência de distribuição. Eles têm trazido uma grande contribuição para o instituto nos últimos anos e coincidentemente os três se encerram em dezembro deste ano. Então, teremos a coincidência do encerramento de três projetos que trazem aportes financeiros significativos para o IEE.

**JU — O que se pretende fazer para minimizar esse problema financeiro?**

**Orlando Lobosco** — Estamos tomando várias medidas conjuntas. A primeira consiste em tentar substituir parte dos projetos que serão concluídos em dezembro por uma maior atividade em laboratórios de ensaio. As nossas "vacas leiteiras" nessa área são os laboratórios de alta-tensão, de altas correntes, o de equipamentos eletromédicos, o de controle de qualidade de radiodiagnóstico e o de materiais elétricos. Estes laboratórios têm condições de ampliar suas atividades e trazer mais recursos para o instituto. Além do mais, estamos pensando em implantar uma área de cursos de especialização pagos. Já temos um curso ministrado junto com a Escola Federal de Engenharia de Itajubá, a EFEI, e a Unicamp, baseado na regulamentação do setor energético brasileiro. Estamos estudando a criação do curso de mestrado tecnológico em eletricidade, juntamente com a Escola Politécnica. A idéia é montar um curso profissionalizante em eletrotécnica. Com a infra-estrutura que possui em laboratórios, o IEE poderá conduzir as aulas para um aspecto bem prático. É isso que interessa em um curso profissionalizante.

**JU — Na sua gestão como ficam os projetos em andamento no instituto?**

**Orlando Lobosco** — Todos os projetos da gestão anterior terão continuidade, como as subestações compactas de distribuição de energia elétrica ao ar livre e a reconstrução da rede de distribuição de energia elétrica da Cidade Universitária. A nova rede de energia elétrica do campus está em andamento e a previsão é de que fique pronto no primeiro semestre do próximo ano. Depois de pronta, a nova rede terá confiabilidade muito grande, evitando interrupções no fornecimento de energia elétrica como acontece hoje. Mas, para que esse projeto seja completo é fundamental que a subestação da Eletropaulo-Metropolitana Eletricidade de São Paulo S. A., instalada no campus, volte a ser da USP, como foi no passado. Assim, todo o sistema de distribuição de energia elétrica estará sob a supervisão da Universidade. Com a subestação sob seu controle, a confiabilidade do sistema será muito maior e o custo de fornecimento de energia será menor. A vantagem de ter uma subestação no campus é que nós passaremos a pagar energia a uma tensão de 88 kV (quilovolts, ou 88 mil volts), que é muito mais barata que 13.8 kV (quilovolts, ou 13.800 volts), que recebemos hoje no campus. Os próprios técnicos da Eletropaulo estimam que o fornecimento de uma tensão mais alta vai gerar uma economia de aproximadamente R\$ 140 mil por mês, ou R\$ 1.680.000,00 por ano. Então, se somarmos a economia de R\$ 3 milhões que faremos por não termos interrupções no fornecimento de energia com a nova rede, mais R\$ 1,7 milhão por recebermos uma corrente mais barata, e mais eventuais economias que se possam fazer com o novo sistema, é possível que cheguemos a uma economia próxima do custo da nova rede do campus, estimado em R\$ 5,5 milhões.

---